

Em busca de novo rebanho

1 de junho de 2021



Dez anos após a morte de Dom Scalabrini, o Papa Bento XV enviou uma carta autografada ao superior geral. Lembrava de ter participado em 1909, como arcebispo de Bolonha, da transferência do corpo de Scalabrini para a catedral de Piacenza. Recordava especialmente "após duas décadas de admiração ininterruptas, às altas virtudes dele e principalmente daquela que foi príncipe: a caridade; que o inflamou a ponto de estreitar os confins de uma vasta diocese e levá-lo a buscar novos rebanhos nos distantes emigrantes italianos".

Muitos anos mais tarde, a congregação que ele fundou está presente em muitas nações. Os missionários continuaram a ultrapassar as fronteiras em busca de novos rebanhos. É uma busca que não pode parar, porque os migrantes continuam a ir para outras fronteiras, e eles nos chamam. Neste ano dedicado ao tema do anúncio, aquele anúncio que o grande Pastor pediu que fosse levado até aos confins da terra, é um apelo que não podemos ignorar. Especialmente onde estivemos presentes por muito tempo em espaços limitados é hora de levantar voo, ampliar a tenda e procurar novos rebanhos.

Não se trata de um convite para incomodar alguém. Também não se trata de um jogo, uma aposta, ou imprudência. Se poderia chegar a esta conclusão, uma vez que têm sinalizado que numericamente, a congregação está em recessão. Em vez disso, trata-se de escolhas, de coragem e confiança. Não fomos chamados somente nós para trabalhar na vinha do Senhor e não podemos colocar limites aos seus desígnios.

Se trata também de lembrarmos que o nosso papel é apenas de serviço e o nosso carisma é apenas um dos muitos ministérios que o Espírito desperta no povo de Deus, por isso é necessário saber colaborar com os outros. Os primeiros "outros" são os leigos, que têm um papel específico na missão salvífica da Igreja. Scalabrini sabia muito bem disso e não é necessário aqui recordar as várias iniciativas que concretizou com os leigos. Como não é necessário recordar as numerosas iniciativas feitas na Congregação para favorecer a organização dos leigos na missão com os migrantes.

Às vezes, quando se fala em leigos, desanima-se porque tem-se a impressão de não conseguir encontrar a chave do problema. Claro, muitas coisas boas foram feitas e ainda há vivacidade e vitalidade no trabalho com os leigos em várias partes da Congregação, mas não há ainda a percepção da existência de um grupo maduro trabalhando em todos os lugares de uma mesma maneira ou de forma semelhante. No passado, reagimos a esse desânimo concentrando-nos fortemente no esclarecimento de conceitos, na construção de uma nomenclatura complexa. Ou elaboramos estatutos para garantir o funcionamento do grupo e organizamos encontros mais ou menos internacionais. Mas, no final das contas, caminhamos para uma fragmentação do compromisso e, às vezes, é difícil encontrar quem queira assumir a responsabilidade de animar os leigos.

O XV Capítulo Geral deixou claro que nosso papel é o de assistentes religiosos dos leigos. Nesse sentido, precisamos trabalhar em três direções.

a. A formação. Foram preparados subsídios para a formação dos leigos, os quais também contêm indicações metodológicas para a condução dos encontros. Se trata de materiais básicos, em vários idiomas, que cada assistente pode desenvolver de acordo com as necessidades do grupo e do contexto em que se encontra. Há um amplo espaço para a utilização de audiovisuais e será oportuno e apropriado compartilhar o que emerge da criatividade pessoal. Mas não podemos fugir desse papel e é bom lembrar que a formação é também um encontro pessoal, um confronto em grupo, uma leitura das conjunturas e situações. É uma presença ao lado de quem procura viver o seu batismo de forma adulta. É ser testemunho.

b. A missão. É um aspecto essencial e indispensável no papel dos leigos, que querem contribuir ativamente para a transformação da realidade, reduzindo as consequências negativas de quem se encontra em situações de vida muitas vezes traumática, na migração e potenciando as oportunidades de melhoria que possam surgir do encontro com os migrantes, refugiados, marinheiros... Com a companhia e “orientação” do assistente religioso, os leigos tornam-se mais conscientes do seu papel de fermento na massa, «envolvendo-se nos assuntos temporais e orientando-os segundo Deus», como recordamos a *Lumen Gentium*. Os leigos não são prestadores de serviço, mas companheiros de viagem no anúncio e no testemunho do evangelho junto com os migrantes, refugiados e marinheiros. É nossa tarefa expandir o espaço de missão para os leigos. Sem a possibilidade e espaços de experiências missionárias, os grupos de leigos se asfixiam, se transformam em, autorreferenciais e aos poucos os leigos desanimam e perdem o desejo de participar. A este respeito, é muito oportuno neste sentido, compartilhar na Congregação as boas práticas que foram realizadas, como forma de ajudar aos que estão chegando e começando.

c. A organização. Desse ponto de vista, é aconselhável amadurecer gradualmente. Às vezes, estatutos e estruturas rígidas não produziram um crescimento nos indivíduos e grupos. No entanto, parece-nos que algo foi aprendido nos últimos anos. Não se pode esperar e exigir disponibilidade de tempo, meios e condições iguais de todos e em todos os lugares. É conveniente manter a distinção entre quem é assalariado, quem é voluntário num contexto local sem outros compromissos, de quem se sente parte de um grupo leigo, com formação adequada e compromisso pastoral. Em nível geral, como vivemos em um mundo digital, será conveniente crescer na partilha de espaços de encontro, amadurecer na participação do carisma scalabriniano, aumentar a socialização de iniciativas, envolver-se nas oportunidades de incidência pra favorecer e fortalecer a cultura do encontro.

No ano do anúncio, somos convidados a desenvolver as várias dimensões em que o anúncio se articula nas diferentes etapas: “desde o primeiro anúncio que introduz no Kerigma, passando pela instrução que torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo particular para os sacramentos da iniciação cristã, até a formação permanente”. Estas são palavras tiradas do *motu próprio* do Papa Francisco, que recentemente estabeleceu o ministério leigo de catequista. A tradição dos catequistas é tão antiga quanto a Igreja e a mesma, deu grande atenção ao catecismo, especialmente nos séculos 19 e 20. Para nós, os Scalabrinianos, a iniciativa do Papa Francisco é particularmente significativa porque nos conecta imediatamente com nosso Fundador, o Apóstolo do catecismo. Enquanto nos lembramos do Fundador no ano com o tema do anúncio, vemos a união do convite à evangelização dos filhos da pobreza e do trabalho, a assistência religiosa aos leigos que compartilham a missão entre os migrantes e a colaboração com os catequistas, “Os Irmãos catequistas” que Scalabrini queria desde o início. Não esqueçamos a catequese entre os migrantes em nossa pastoral, com suas peculiaridades, não esqueçamos o convite ao ministério dos catequistas e não esqueçamos de chamar os jovens a se tornarem irmãos missionários scalabrinianos, cuja missão entre os migrantes é cada vez mais vasta, porém, o número dos irmãos missionários é cada vez menor.

Motivos não faltam para admirar, no dia em que recordamos sua morte, a extraordinária atualidade do Bem-aventurado João Batista Scalabrini e isso nos enche de alegria. Mas ele também deve nos motivar para sermos filhos dignos de tal pai, prontos para reinventar e atualizar o que ele começou, para colaborar com aqueles que encontramos ao longo do caminho, para levantar novos voos e ampliar as tendas em busca de novos rebanhos.

P. Leonir Chiarello, cs
Superior geral